



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13520 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Jocileia Souza Printes - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Michelle de Freitas Bissoli - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Resumo: Fruto de uma pesquisa de doutorado, tivemos como objetivo geral compreender como um processo de formação continuada de professoras da educação infantil, a partir da perspectiva Histórico-Cultural, contribui para ampliação das possibilidades da expressão infantil por meio do desenho. A teoria Histórico-Cultural compôs, simultaneamente, as bases conceitual e metodológica. Por meio da pesquisa com formação e de um acompanhamento por quinze meses em um centro municipal de educação infantil que atende crianças de 4 e 5 anos, na cidade de Manaus-AM, observamos como o desenho ocupava tempo e espaço no planejamento. No grupo de estudo, discutimos sobre teoria Histórico-Cultural, arte e formação estética, imaginação, criação e desenho da criança. A partir das discussões no grupo, as experiências propostas pelas professoras pensando o desenho numa combinação do corpo em movimento, superfícies e marcadores, desenvolveram um novo olhar sobre as produções. O desenho como linguagem ganhou centralidade no planejamento. Processo e produto passaram a dialogar, promovendo experiências de fruição e liberdade, valorizando o desenho como uma das linguagens mais expressivas da criança, que contribui para a sua objetivação a partir das apropriações que faz nesse processo, possibilitando uma escola da infância que cria condições para que a criança se humanize.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural, Educação Infantil, Pesquisa com formação, Desenho.

A partir da experiência docente com crianças em escolas públicas na cidade de Manaus e inquietações suscitadas por leituras sobre arte e educação, desenhamos esta pesquisa a fim de investigar as relações entre arte e infância, destacando especial interesse sobre o desenho da criança.

Algumas questões fomentaram a organização do que pretendíamos pesquisar: como o desenho é oportunizado hoje nos espaços formais de educação para crianças de 4 e 5 anos? Como a professora compreende o desenho no processo expressivo da criança? De que maneira sua inserção é planejada? Como a formação influencia a mudança de práticas das professoras? Esses foram alguns questionamentos de uma problemática sentida, inicialmente, como destacam Laville e Dionne (1999). Foram pontos de partida para o desafio de uma pesquisa e da escrita de uma tese que começava a se estruturar.

A partir de vivências em vários espaços que objetivam atender e discutir educação infantil, é possível afirmar que o desenho não tem ocupado um espaço que permita seu desenvolvimento como linguagem, embora a prática de desenhar esteja frequentemente presente, especialmente na pré-escola. Essa percepção se deu, na esfera empírica, nas diversas experiências profissionais que tivemos, corroborando as ideias apresentadas por Silva (2015) na construção do estado da arte sobre pesquisas que analisaram o desenho a partir da teoria Histórico-Cultural entre os anos de 2010 e 2014. A autora afirma que as pesquisas apontam para importância do desenho no desenvolvimento da criança, mas que ainda não está claro para os(as) professores(as) o seu papel na efetivação dessa linguagem, o que reforça a necessidade de pesquisa com formação (GOMES, 2006; LONGAREZI, SILVA, 2013; PERRELI et. al, 2013).

Com base nessas reflexões, propusemos como objetivo geral compreender como um processo de formação continuada com professoras da pré-escola, a partir da perspectiva da teoria Histórico-Cultural, contribui para ampliação das possibilidades de expressão infantil por meio do desenho.

Para alcançar o objetivo geral proposto, os objetivos específicos foram: a) analisar as propostas pedagógicas sobre o desenho realizadas antes do grupo de estudo e, posteriormente, paralelas à formação; b) observar como/se o processo de formação continuada repercute na proposição de práticas pedagógicas que ampliem e enriqueçam as possibilidades de expressão da criança pelo desenho.

Para dar conta dos objetivos propostos, apontamos como objetivos de intervenção: a) desenvolver um processo de formação continuada a respeito do desenvolvimento do desenho da criança pré-escolar com professoras de um centro municipal de educação infantil da cidade de Manaus; b) perceber como o processo de formação continuada interfere sobre a compreensão das professoras participantes a respeito da relação entre seu trabalho e o desenvolvimento do desenho das crianças, a partir da análise de seus enunciados e da observação de suas práticas.

O delineamento da pesquisa foi organizado com a proposta de acompanhar as práticas sobre o desenho em um centro municipal de educação infantil – que chamamos de CMEI Criar^[1] e a realização da pesquisa com formação (GOMES, 2006; LONGAREZI, SILVA, 2013; PERRELI et. al, 2013) sobre as possibilidades de ampliação do desenho como linguagem. Permanecemos por 15 meses acompanhando o grupo de professoras do turno vespertino. Os encontros do grupo de estudo foram inseridos no calendário de formação que a rede municipal já organiza anualmente, sem comprometer o cumprimento da carga horária das crianças.

A partir das observações e debates no grupo de estudo, promovemos discussões com e entre elas sobre o desenho sob a perspectiva da teoria Histórico-Cultural, que defende que a criança se humaniza nas relações que vivencia com as pessoas e com a cultura. Situar o desenho como linguagem no desenvolvimento da criança foi o desafio da pesquisa, assim como pensar uma base epistemológica que sustentasse e orientasse as atividades propostas.

A definição do método deve-se, pois, à escolha da teoria Histórico-Cultural como norteadora da pesquisa. A obra de Vigotski é a principal referência da teoria, assim como os trabalhos e pesquisas de Luria, Leontiev, Galperin, Elkonin, Zaporózhets, Davidov, Mukhina, Lísina, Petrovsky, entre outros. Para a compreensão desta teoria, “é indispensável o estudo dos fundamentos filosóficos marxistas dessa escola psicológica” (DUARTE, 2001, p. 78).

Entendendo o homem como um ser sócio-histórico, que age e está inserido no movimento de formação e transformação social e que, nesse processo, apropria-se do conhecimento, desenvolvendo suas capacidades especificamente humanas, sua consciência e sua personalidade, o materialismo histórico-dialético contempla a dinamicidade necessária à proposta da pesquisa com crianças e professoras, porque busca compreender os processos por intermédio dos quais o desenvolvimento humano ocorre e as formas pelas quais é possível agir sobre ele.

Defendemos a tese de que compreender o desenho como linguagem, a partir da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, em um processo de formação continuada, possibilita às professoras ampliar e enriquecer o desenvolvimento e as possibilidades de expressão da criança à medida que são ampliadas as suas referências teórico-práticas a respeito dessa linguagem.

A observação do desenho das crianças nos permitiu, por seu turno, perceber como sua atividade criadora se transforma e como o espaço institucional pode (e deve) ser um espaço de enriquecimento da imaginação, de ampliação das possibilidades criadoras, da técnica e do contato e observação da produção artística, para que a criança faça seus questionamentos e confrontos com a própria produção (IAVELBERG, 2013).

Por se tratar de uma pesquisa investigativa/formativa, promover a leitura, a discussão e a reflexão sobre o desenho pelas professoras foi o cerne da proposta de estudo que buscamos

construir, nos acercando da pesquisa com formação (GOMES, 2006; LONGAREZI, SILVA, 2013; PERRELI et. al, 2013) no espaço de atuação das profissionais.

O desenvolvimento da sensibilidade manifestado na reação estética exige participação ativa do sujeito: aquilo que percebemos, é reestruturado em nossa imaginação, conectado com nossas vivências e, só então, a ele atribuímos sentidos e com ele estabelecemos relações (VIGOTSKI, 1999). É a imaginação a parte ativa do sujeito, tornando-se a parte central da reação emocional. “Nossos repertórios constituídos ao longo da vida, são acionados a cada encontro com o outro – pessoas, lugares, paisagens, obras, objetos, conceitos. É com eles que vamos significando o mundo, fazendo a leitura do que nos rodeia e nos acontece” (OSTETTO, 2011, p. 5).

Se objetivamos trabalhar a ampliação do repertório artístico das crianças, não podemos nos limitar a uma oferta reduzida e estanque, geralmente, semanal, na chamada aula de arte. Acolher o ser poético da criança e desenvolver sua *poiesis* exige, do(a) professor(a), a promoção do encontro das crianças com a arte e, para isso, é necessário que esse encontro ocorra num processo contínuo e cotidiano. Ele exige pesquisa. Não podemos trabalhar intuitivamente, fazendo sempre as mesmas propostas porque as crianças gostam.

Nesse processo, é importante conquistar a autoconfiança das crianças como criadoras e, para isso, precisamos ter coragem de arriscar rumo ao desconhecido e apresentar desafios sem respostas definidas. Ter o professor como parceiro de aventuras poéticas é ter um interlocutor privilegiado no fomento da criação infantil, que estimula a experimentação, oferecendo acervos artísticos variados e elementos da cultura que possibilitam o encontro e a construção de diferentes significados para as vivências das crianças e que promovem a fruição e a expressão, pois a criança precisa ter repertórios que possam ser mobilizados para responder a demandas que lhe são próprias e não fazer apenas porque alguém está solicitando. As crianças são produtoras e receptoras da produção artística, por isso, devem ter acesso ao patrimônio artístico acumulado.

No grupo de estudo, apresentamos às professoras, a partir das pesquisas que vínhamos fazendo (TSUHAKO, 2017; IAVELBERG, 2013, DERDYK, 2010), uma proposta de organização do desenho partindo de três bases, possibilitadoras de várias combinações. Ao pensarmos o desenho, era necessário levarmos em consideração o movimento do corpo, a superfície que recebe a marca e o que usamos para produzir essa marca.

Inicialmente, quando discutíamos as propostas de desenho com as crianças, as professoras sempre apontavam a pouca variedade de materiais disponíveis. Quando começamos a instigar esse olhar sobre o movimento do corpo, vimos que é possível usar a mesma superfície e o mesmo marcador de maneiras diferentes. A forma comum que as crianças tomavam para desenharem era sentadas em suas cadeiras com o apoio das mãos na mesa, usando papel branco, lápis de cor e giz de cera.

A partir dessa discussão, vimos as variadas possibilidades de pensar propostas com o

corpo da criança e com materiais disponíveis na escola, além da inserção de materiais inusitados e comuns, como embalagens e caneta. No primeiro encontro do grupo de estudo, uma professora questionou: “A criança pode desenhar com caneta? Mas se ele fizer com caneta e errar? Não vai conseguir apagar”. Na nossa reunião de avaliação, no encerramento da pesquisa, ela relatou: “Até caneta eles já usam agora. Eu fiquei pensando quando você me perguntou por que não pode usar caneta. Eu pensei: Ué? Por que não pode usar caneta? Agora eles me perguntam: Posso fazer o desenho com caneta? E eu digo que pode”.

Assim, com as experiências que foram sendo propostas ao longo do ano, professoras e crianças foram partilhando descobertas significativas. Entre elas, podemos destacar a substituição da fala “*Eu não sei desenhar*” (de crianças e professoras) por “*Como nós vamos desenhar hoje?*”. O olhar que se desenvolveu para acolher o ser poético da criança também se aguçou para perceber as possibilidades de materiais, marcadores e do movimento dos corpos, dos móveis, dos usos dos espaços.

O que vivenciamos foi uma experiência rica e desafiadora, sentida por nós, pelas professoras e pelas crianças. Vimos se ampliarem gradativamente as propostas com o desenho livre, diferente, autoral, criativo e os reflexos destas atividades na rotina do CMEI Criar. Objetivamos desenvolver um trabalho com as professoras por acreditarmos que isso alargaria o alcance da pesquisa e por nossa preocupação em defender a necessidade da arte na formação de todas as pessoas, desde a mais tenra idade. Para isso, nós, professores de escolas infantis, precisamos de formação que contemple o desenvolvimento da sensibilidade estética.

No processo formativo construído coletivamente, vimos o quanto as crianças têm necessidade de usar a linguagem do desenho de forma planejada, pensada, organizada, cultivada, e acima de tudo, livre. Vimos a necessidade de construir proposta que ofereçam possibilidades de criação de um desenho que dá à criança o poder de dizer aquilo que ela apreende acerca do mundo, dos encantamentos que esse mundo produz nela. Por isso, seguimos defendendo a formação continuada como importante aliada na ampliação da formação de repertório, fruição e criação e nas possibilidades de formação estética dos sentidos que a arte pode proporcionar às crianças na primeira infância.

REFERÊNCIAS

- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- GOMES, Marineide de Oliveira. Grupos de pesquisa/formação: potencializando o desenvolvimento profissional de educadoras de crianças pequenas. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em Educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Contrapontos**. vol. 13, n. 3, p. 214-225, set./dez. 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos**. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>> Acesso em: 22 jan. 2023.

PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. et.al. Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re)construções. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, p. 275-298, jan./abr. 2013.

TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. O desenho como expressão da criança. In COSTA, Sinara Almeida; MELLO, Suely Amaral (org.). **Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores**. Curitiba: CRV, 2017.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

[1] Nome fictício conforme proposta submetida e aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa. O CMEI Criar atende crianças de 4 e 5 anos nos turnos matutino e vespertino e conta com 6 salas.